

Cuprum

Ralph Twentyman¹

¹Médico antroposófico e homeopata (1914-2010).

Traduzido por Nilo E. Gardin do artigo Twentyman R. *Cuprum*. British Homoeopathic Journal. 1984; 73(4):229-37. Publicado com autorização da revista.

Palavras-chave: *Cuprum*; mitologia grega; radiação renal; quatro órgãos cardinais.

Key words: *Cuprum*; Greek mythology; kidney radiations; four cardinal organs.

RESUMO

O autor narra o surgimento da bela e encantadora Afrodite (ou Vênus), nascida da espuma do mar a partir da queda dos genitais de Urano, e sua associação com o metal cobre. Sob influência de Afrodite, a natureza florescia em primavera. O cobre, como nenhum outro metal, aparece em sais e minérios com maravilhosas cores, como quem traz a beleza celestial à forma terrestre – um ato de Afrodite. O cobre forma a base do pigmento sanguíneo hemocianina, que em certos invertebrados permite que o processo de respiração de oxigênio seja mediado. Muitos moluscos e artrópodes dependem deste composto de cobre, enquanto os vertebrados usam a hemoglobina que contém ferro. Vemos aqui a importância do cobre na transformação da vida vegetal para a vida animal, a transformação animada, dotada de alma. A seguir, o autor correlaciona quatro aspectos da função renal ao arquétipo Afrodite-Vênus e à dotação de alma no organismo humano. As radiações renais, somadas às influências dos três outros órgãos cardinais (fígado, coração e pulmão), participam do processo nutricional, como trazido por Rudolf Steiner. Finalmente, são descritos sintomas atribuíveis ao *Cuprum* em experimentações homeopáticas e na experiência clínica.

ABSTRACT

The author describes the appearance of beautiful and charming Aphrodite (or Venus), born of the sea foam from the fall of Ouranos genitals, and her association with metal copper. On her stepping ashore at Cyprus, nature blossomed into springtime. No metal appears in such wonderfully coloured ores and salts as does copper. Heavenly beauty is brought to earthly form, truly a deed of Aphrodite. Copper forms the basis of the blood pigment haemocyanin which in certain invertebrates enables the oxygen breathing process to be mediated. Many molluscs and arthropods depend on this copper compound, whereas the vertebrates make use of the iron containing haemoglobin. We can see here the importance of copper in the transformation from vegetable to animal life, the animating, ensouling transformation. Then the author correlates four aspects of kidney function to the Aphrodite-Venus archetype and to the ensouling process in the human organism. Kidney radiations, added to the influences of the three other cardinal organs (liver, heart and lung), participate in the nutritional process, as brought by Rudolf Steiner. Finally, the author describes symptoms attributable to Cuprum in homoeopathic provings and in clinical experience.

Os antigos entendiam que Afrodite (ou Vênus) era, em certo sentido, qualidade interna e o ser do metal cobre. A velha história contava o nascimento de Afrodite a partir da espuma do mar. Urano, a divindade que personificava o céu, deitava-se toda noite sobre Gaia ou Geia (ou mãe terra). Ele escondia todos os filhos de Gaia nas dobras do corpo dela quando nasciam. Por fim, ela conseguiu combinar com o mais novo, Cronos (ou Saturno), que quando Urano viesse à noite, Cronos sairia do esconderijo e com uma foice cortaria os genitais de seu pai. Assim ele fez e jogou as partes no mar. Da espuma gradualmente apareceu a forma de uma moça muito bonita.

De acordo com algumas versões, ela brincou por tempos no mar, na companhia de um belo garoto, mas no fim, navegando numa concha, foi parar primeiramente na ilha de Citera (ou Quitera), e depois no Chipre, na baía de Pafos. Ali, assim que pisou no solo, ela foi adornada com roupas e joias pelas Horas e levada aos deuses reunidos no Olimpo. Estes prontamente se enamoraram de sua beleza arrebatadora. Ela é, portanto, uma deusa de origem muito antiga, cuja imagem costumeira é a de uma menina irresistivelmente adorável ao ser adotada pela família do Olimpo.

Ao pisar em terra no Chipre, a natureza floresceu em primavera, e isso nos dá uma primeira chave para sua natureza; ela se manifesta em todo o florescer da natureza. Ulteriormente, em outras histórias como a sua sedução por Anquises, pai de Eneias, ouvimos como na sua vinda todos os animais selvagens se emparelharam dois a dois e se deitaram à sombra. Sua porção de honra entre os homens e deuses é “murmúrio de menina, engano e doce arrebatamento, abraços e carícias.”

A arte expressou essas histórias em imagens incomparáveis. O *Nascimento de Vênus*, de Botticelli (N.E.: ver Figura 1) e o alto-relevo no Museu das Termas em Roma mostrando a deusa subindo do mar, são apenas dois dos mais encantadores. Afrodite é o espírito de encantamento da natureza florescente.

Tu, ó deusa, de ti fogem os ventos e as nuvens do céu, à tua chegada; a ti a terra, artífice singular, oferece as flores docemente perfumadas; a ti a superfície do oceano sorri, e o céu, já sem ira, resplandece inundado de luz (Lucrecio, 99-55 a.C.).

Ela era a padroeira das viagens seguras, e os marinheiros no regresso ao porto sempre tinham o costume de celebrar seus festivais.

O hino homérico começa assim:

Musa, conta-me os feitos da dourada Afrodite, a cipriota, que suscita a doce paixão nos deuses e subjuga as raças de homens mortais e aves do céu e todas as numerosas criaturas que a terra nutre, e todos os do mar: todos estes amam os feitos da bem laureada citéria.



Figura 1. Nascimento de Vênus, de Sandro Botticelli. Imagem em domínio público, disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=148159>.

Entre os imortais, apenas três deusas poderiam resistir ao seu poder: Artêmis, a jovem donzela pré-adolescente, Atena, deusa da sabedoria, e Héstiá, a “tia solteirona” do Olimpo.

Os milagres da graça e do encanto, da beleza absoluta, são as manifestações de Afrodite. Essas manifestações inspiram, excitam, encantam, enchem de desejo. É o encanto que atrai e então se entrega, diferente da busca selvagem em si na qual é Eros quem vem à tona. Na maior parte das vezes os impactos dela sobre os homens são gentis e trazem boa sorte, mas para as mulheres ela pode trazer desastres, como contam as histórias de Medeia e Fedra. É perigoso rejeitar suas influências, pois ela pode castigar terrivelmente quando desprezada. Seu verdadeiro culto de adoração, veneração e gratidão pelo belo, traz bênção; o desprezo pela beleza, como se dá em nossa civilização moderna, traz a maldição da violência e do crime como punição.

Como essas respostas imaginativas da psique ao arquétipo Afrodite-Vênus se relacionam com o metal cobre e com o órgão correspondente na organização humana, o rim? Pois, para os antigos, essas eram todas expressões de uma mesma realidade e é nosso esforço heurístico perguntar qual o valor se encontra hoje em tal ponto de vista.

Comumente se considera que o cobre adquiriu seu nome da ilha de Chipre. Lá minas de cobre eram exploradas desde pelo menos 2600 a.C., sendo uma das principais fontes deste metal ao longo da Idade de Bronze para o Egito e o Mediterrâneo Oriental. Mas de onde a ilha de Chipre recebeu seu nome? Alguns o associaram com o nome grego para a planta hena que lá crescia extensivamente. Em Pafos, no sudoeste da ilha, ficava um dos principais santuários e centros de culto da deusa. Lá ela havia desembarcado.

O cobre propriamente é um metal dourado avermelhado caloroso. Na natureza ele se combina com todos os ácidos e assume verdes e azuis maravilhosos, bem como amarelos e vermelhos. De fato, nenhum metal aparece em minérios tão maravilhosamente coloridos como o cobre. A pirita de cobre

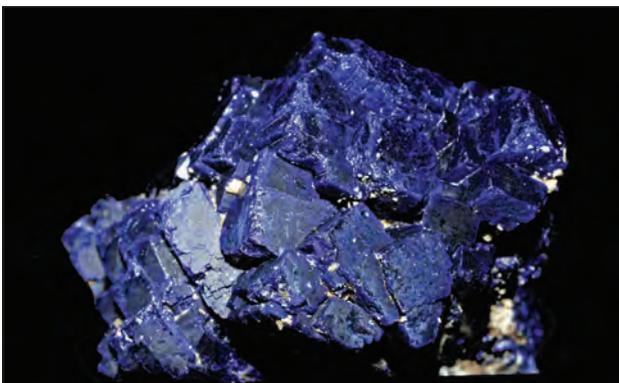
brilha um amarelo dourado, a azurita é azul, a olivenita e a malaquita são verdes, e a bornita deleita nossos olhos com todas as cores do arco-íris (N.E.: ver Figura 2).



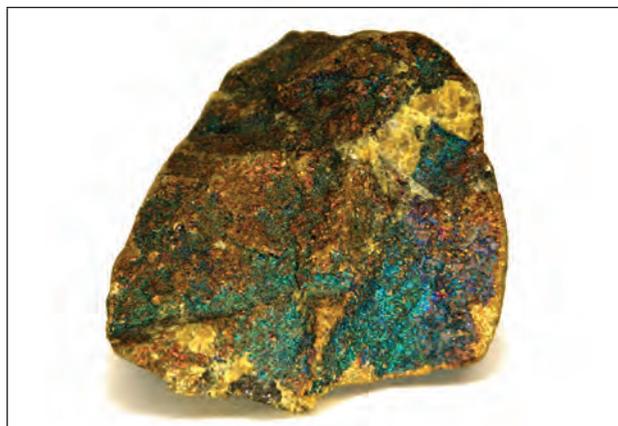
Figura 2 - A. Pirita de cobre (ou calcopirita) – CuFeS_2 (bissulfeto de cobre e ferro). Imagem com licença Creative Commons, disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Chalcopyrite#/media/File:Chalcopyrite_from_Sulitjalma_1.jpg. Autor desconhecido.



D. Prato de malaquita – $\text{Cu}_2\text{CO}_3(\text{OH})_2$ (carbonato de cobre). Imagem com licença Creative Commons, disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=15265843>>Link. Autor: Shakko.



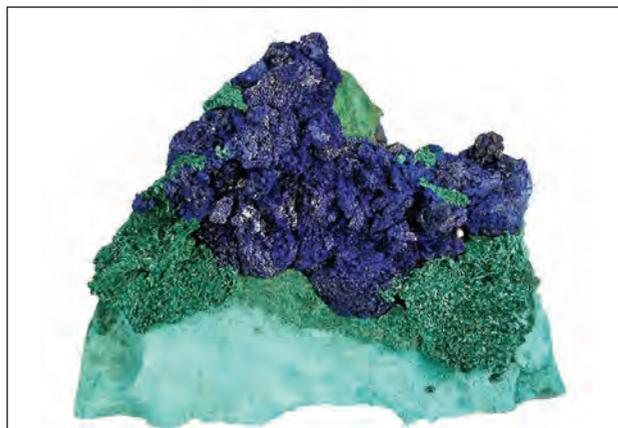
B. Azurita – $\text{Cu}_3(\text{CO}_3)_2(\text{OH})_2$ (carbonato de cobre). Imagem com licença Creative Commons, disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=10957652>. Autor: Parent Géry.



E. Bornita – Cu_5FeS_4 (sulfeto de cobre e ferro). Imagem com licença Creative Commons, disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=3396212>. Autor: Jonathan Zander.



C. Olivenita – $\text{Cu}_2\text{AsO}_4(\text{OH})$ (arsenato de cobre). Imagem com licença Creative Commons, disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=10126072>. Autor: Rob Lavinsky.



F. Azurita e malaquita. Imagem com licença Creative Commons, disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=10420120>. Autor: Rob Lavinsky.

O cobre é um excelente condutor do calor e de eletricidade, atrás apenas da prata, e quando é derretido suga avidamente os gases como hidrogênio, monóxido de carbono e dióxido de enxofre para tornar a expulsá-los salpicando pequenas explosões enquanto endurece, um fenômeno que nos lembra do comportamento da prata com o oxigênio. As cores maravilhosas com as quais os sais e os minérios de cobre brilham proclamam como aí a beleza celestial é trazida à forma terrena, verdadeiramente um ato de Afrodite.

Na química, encontramos sais de cobre cristalizando com muita água. De fato, sem essa água de cristalização a cor desaparece e os cristais se desintegram em pó, que, no entanto, rapidamente reabsorve água e recupera sua cor. O cobre traz cor para o reino da água, o reino da vida. É um pintor. As qualidades da alma são expressas no mundo que, na ausência do cobre, é meramente vivo, vegetativo. É um elemento vívido, quimicamente ativo. Forma inúmeros sais diferentes e compostos orgânicos complexos. Ele, por assim dizer, traz alma aos reinos fluidos e vivos com movimento vívido, e transforma a natureza vegetativa, que meramente cresce, tornando-a florida e cheia de cor. Desejo, amor e anseio são adicionados ao crescimento e à forma, a experiência interior é adicionada ao crescimento externo. O cobre é ditoso em envolver, formar vasos ou cobrir telhados abobadados; é facilmente moldado em formas tais que imitam as invaginações que caracterizam o desenvolvimento animal. Ligado com o estanho dá origem ao bronze.

Em Homero, encontramos outra história sobre o nascimento de Afrodite do casamento de Zeus e Diana. No entanto, parece que isso é um encobrimento para o casamento real de Zeus e Afrodite. Será que podemos ver aqui, em forma de um quadro, a origem da Idade de Bronze, a qual seria aquela idade da qual Homero cantava?

E Homero foi o criador dos deuses do Olimpo quase completamente expurgados das aquelas histórias antigas de estranhos nascimentos, como as histórias mais primitivas do nascimento de Afrodite.

Traços de cobre são essenciais para o crescimento saudável das plantas superiores. É um oligoelemento essencial. Mas as plantas unicelulares, os tipos inferiores de cogumelos e as algas são mortos por pequenos traços de cobre. Essas todas são plantas que não atingem a floração.

Nos animais, primeiramente notamos que o cobre forma a base do pigmento sanguíneo hemocianina, que em certos invertebrados permite que o processo de respiração de oxigênio seja mediado. Muitos moluscos e artrópodes dependem deste composto de cobre, enquanto os vertebrados usam a hemoglobina que contém ferro. Gastrópodes e cefalópodes, em particular, dependem da hemocianina, embora alguns poucos gastrópodes que vivem em ambientes muito mal aerados desenvolveram hemoglobina. *Bivalvia* (anteriormente *Lamellibranchia*), uma classe do filo *Mollusca*, de hábitos sedentários, na maioria das vezes não tem pigmentos respiratórios.

Quantidades muito pequenas de cobre são necessárias para a síntese de hemoglobina, mas na prática a suplementação adicional do metal geralmente não é necessária. De um modo semelhante, pequenas quantidades de ferro também são obviamente necessárias para a síntese de clorofila, um pigmento que contém magnésio em vez de ferro. Há, portanto, uma relação funcional estreita entre ferro e cobre na fisiologia. Ambos podem formar pigmentos que medeiam a função respiratória.

Através da respiração, o oxigênio é absorvido e ácido carbônico eliminado, o inverso do processo nas plantas. Podemos ver aqui, mais uma vez, a importância do cobre na transformação da vida vegetal para a vida animal, a transformação animada, dotada de alma.

Afrodite-Vênus e Ares-Marte estavam sempre enamorados um pelo outro. Toda garota atraente ama um soldado. Ares era relacionado ao ferro, e a Idade de Ferro substituiu a Idade de Bronze, assim como a hemoglobina substituiu hemocianina. Podemos nós discernir algum significado do ponto de vista evolutivo-psicológico neste movimento do cobre para o ferro na corrente sanguínea, um movimento mais ou menos paralelo ao movimento dos invertebrados para os vertebrados? Isso não representaria uma etapa ulterior no processo de imbuir com alma quando a força férrea da vontade, a coragem de lutar e fazer a guerra são adicionadas às qualidades mais femininas da alma de anseio, amor, encanto e beleza?

O marido de Afrodite era Hefesto (Vulcano), o artesão e artista coxo que, segundo alguns relatos, era um anão, mas de suprema habilidade para forjar justamente as armas usadas pelos devotos do amante de sua esposa. Hefesto é a sombra de Ares.

Como podemos agora relacionar a função que estamos começando a discernir no arquétipo Afrodite-Vênus à função do rim?

O que tem a ver um órgão cuja função é geralmente confinada à elaboração e excreção de urina – juntamente com seu papel na manutenção do equilíbrio ácido-base e dos eletrólitos no sangue e assim por diante –, com a dotação de alma no organismo?

Podemos começar com certos gestos, por assim dizer, associados ao rim e suas funções. Primeiramente, podemos mencionar a descida dos rins do pronefro para o mesonefro, e a subida do útero. Será que isto não encontra sua expressão mitológica na história da origem de Afrodite a partir de Urano, que dos céus desceu para a terra, e em seguida no símbolo de seus genitais lançados ao mar? De lá ela emergiu novamente para a terra, que floresceu na sua chegada. Mas com esta descida dos rins deve ser associada a ascensão dos pulmões, e como König mostrou, esses dois – pulmões e rins – vêm para se espelharem, uns aos outros. Isso também pode se expressar na história antiga de Hermafrodito.

Em segundo lugar, o rim está intimamente relacionado

com o metabolismo do nitrogênio e com a excreção de ureia e ácido úrico, produtos finais desse metabolismo. Temos uma dica do papel do nitrogênio no contraste entre os carboidratos – a substância característica de plantas, e as proteínas – característica dos animais. Esse elemento na natureza animal que traz a percepção sensorial, desejo e movimento, características essenciais dos animais, traz também a incorporação do nitrogênio, sua interiorização.

Onde nas plantas as proteínas ocorrem, é óbvio que este mesmo elemento, chamado às vezes *astral*, tocou a planta. Por exemplo, nas leguminosas com as suas sementes ricas em proteínas, podemos também ver suas flores semelhantes a borboletas. No entanto, podemos perceber que estas proteínas vegetais são distintas das do animal; a astralidade tocou de fora apenas, não atuou a partir de dentro para incorporar o nitrogênio como no animal.

Um terceiro aspecto: o rim desempenha um papel mi-lagroso na manutenção do equilíbrio dos líquidos corporais. Ele sente os fluidos, prova os constituintes e responde reabsorvendo dos túbulos os líquidos e constituintes em quantidade exata para manter o equilíbrio hídrico, eletrolítico e ácido-base. Podemos seguir a sugestão de König de que o glomérulo, como um olho, vê dentro dos líquidos, e o túbulo como uma língua os saboreia.

Em quarto lugar, devemos entender que o rim irradia o organismo, elevando-o da mera vida vegetativa para o florescimento, para a percepção e o movimento, assim como Afrodite quando desembarcou em Pafos.

Alguns aspectos desta irradiação atuam através da renina e de outros produtos liberados na corrente sanguínea pelo rim. Mas ainda mais importante podem ser as duas glândulas suprarrenais que se situam tão significativamente sobre os rins para captar a radiação e transformá-la em hormônios adrenais.

Podemos também compreender os agentes ativos na ação desses hormônios como radiações imateriais que só requerem as substâncias hormonais como veículos com os quais conseguem entrar nos diferentes reinos orgânicos. Podemos de fato dizer que esses princípios ativos são forças astrais que não pertencem ao espaço de Euclides, mas com a ajuda dos hormônios como catalisadores podem atuar dentro do espaço físico do organismo.

Estas radiações renais, às quais Steiner chamou a atenção, podem ser consideradas como o impulso para dentro do organismo que corresponde ao esforço dispendido em apartar e excretar a urina para fora dos líquidos corporais vivos.

Podemos, de outra forma, abordar a natureza desses fenômenos através do contraste entre um paciente com doença de Addison e outro com a síndrome de Cushing. A doença de Addison pode surgir através da destruição das glândulas suprarrenais e, então, na ausência dos hormônios, a radiação renal não consegue encontrar um ponto de apoio com o qual pode atuar no organismo. O que vemos então? Um pacien-

te reduzido a um estado quase vegetativo, muito fatigado para se mover ou ficar ereto, pálido e pigmentado, com uma pressão arterial perigosamente baixa e um nível sanguíneo de sódio reduzido em contraste com o potássio. O potássio pertence ao mundo das plantas, enquanto o sódio pertence ao organismo animal.

Em contraposição a esta imagem temos o paciente com síndrome de Cushing que pode ser causado pela hiperatividade das glândulas suprarrenais devido a um tumor. Aí encontramos um paciente vermelho, corado, hiperativo, um pouco obeso e hipertenso, inquieto e "aceso", cheio de ansiedade interior.

À ação das radiações renais, mediadas por hormônios em muitos processos fisiológicos, devemos acrescentar um papel importante nos processos nutricionais e na síntese de proteínas. Mais uma vez estamos gratos a Steiner pelas frutíferas sugestões quanto à ação sinérgica dos quatro órgãos principais nesses processos. Devemos procurar essas ações em uma esfera dinâmica generalizada, e não em estruturas localizadas. Estes quatro sistemas de órgãos são: coração, rim, fígado e pulmão. A corrente nutricional tem de ser vivificada pelo fígado, acordada e dotada de alma pelo rim, alçada a ser um terreno propício à individualidade do eu pelo coração, e ligada à terra através do pulmão.

Dos elementos químicos essenciais na proteína, podemos então relacionar oxigênio com o fígado, o nitrogênio com o rim, o hidrogênio com o coração e carbono com o pulmão. Mais uma vez, deve estar claro que nos referimos aqui aos processos dinâmicos e não aos átomos meramente inorgânicos. Dessa forma, esboçado muito brevemente, podemos ver as indicações das maneiras pelas quais o rim desempenha uma função de animar (dotar de alma), despertando o organismo do sono vegetativo para o sonho animal.

Quando o sistema renal é hiperativo, então sobrevém uma grande ansiedade inquietada, que pode chegar até as alucinações visuais e os estados esquizoides. Quando ele está inativo, surgem apatia, sono e inércia. A polaridade na ação do café e dos barbitúricos, ambos estreitamente relacionados na sua estrutura molecular à ureia, confirma estas indicações: o café desperta, acorda; os barbitúricos sedam, adormecem.

Devemos agora abordar a imagem do medicamento na matéria médica homeopática e então investigar novas extensões do uso terapêutico do cobre. Quando pesquisamos os itens registrados na matéria médica, encontramos um tema que se estende ao longo dela toda: câibras, ou espasmos, ou convulsões. Estes termos devem ser entendidos como gestos.

As câibras podem aparecer principalmente nos membros ou mesmo nas artérias periféricas (como espasmos). Mas elas também podem ocorrer no útero como dismenorreia ou em intensas cólicas. Nas graves dores em cólica do cólera, o cobre é um remédio muito valioso. No estômago, a dor pode estar associada à úlcera gástrica.

Continuando o nosso estudo ascendente através do organismo, descobrimos que o cobre pode ser valioso na angina pectoris, na dor constritiva do coração e na asma onde o espasmo está nas vias aéreas. Ele tem sido um dos importantes remédios para a tosse espasmódica na coqueluche e no laringismo. Então, há indicações para vários tipos de convulsões, movimentos espásticos, coreia e no campo mental e comportamental, ações impulsivas, gritos penetrantes, delírio ou um afastamento melancólico mal-humorado.

Esses distúrbios mentais extremos também são registrados: mania de morder, de bater, de rasgar, gestos tolos de imitação e mímica, artifícios cheios de rancor insano, ilusões de imaginação, não reconhecimento da própria família. Há mais um sintoma: projeção e retração rápidas da língua, como uma cobra.

Dentre outras características notadas, uma se destaca. Distúrbios mais profundos se desenvolvem quando uma erupção ou febre são suprimidas ou não se desenvolvem ou quando as emoções são abafadas.

Toda essa imagem remete a alguma violência e subtileza, variando desde câibras, incluindo tetania, intensas cólicas e violentas diarreias, asma e coqueluche, tosse espasmódica, até culminando em inconsciência.

O espectro mental parece variar de birras de temperamento até a completa insanidade, enquanto no outro polo aparece como apatia, talvez tédio, e não como depressão real. Excitabilidade inquieta se contrasta com a letargia e com a lassidão.

Registramos brevemente aqui, os sintomas atribuíveis ao *Cuprum* em experimentações homeopáticas e na experiência clínica. Podemos relacionar este quadro com a imagem de encanto e beleza que encontramos nas histórias de Afrodite. Nestas encontramos o encanto da feminilidade primordial que desperta o doce desejo, induzindo à graciosidade da primavera, à suavidade, à harmonia e à calma da estação e dos elementos. Certamente este ser que concede graça é o que vem à mente quando pensamos no temperamento sanguíneo. Os temperamentos não pertencem propriamente ao reino da psicologia, mas ao mundo vivo da fisiologia. Eles se imprimem tanto no mundo anímico do comportamento quanto no mundo mais estrutural do corpo físico e até mesmo no esqueleto. O temperamento sanguíneo é essencialmente o temperamento aéreo. Ele representa, portanto, dentro do reino fluido vivo da fisiologia, às vezes chamado de etérico, a impressão da alma que encontra morada no elemento aéreo. Ele pode, portanto, colorir, como pintor, o reino vivo e trazer todas as cores do arco-íris para brincar na personalidade.

A beleza e o encanto que uma mulher sanguínea espalha ao seu redor é o trabalho de Afrodite e encontra sua base orgânica no sistema renal. Quando menosprezada, Afrodite torna-se um demônio de destruição conduzindo

à loucura e à desgraça. Ela fala no prólogo de *Hipólito* de Eurípedes e expõe essa extremidade de sua natureza, o encanto transformado em vingança e ciúme. Seria este o significado do sintoma tão peculiar, a língua tremulante para dentro e para fora como de uma serpente? Este estranho sintoma é encontrado novamente na matéria médica de *Lachesis*, um veneno de cobra.

Treichler, entre outros, verificou clinicamente que o cobre e os seus sais são remédios importantes no tratamento de condições esquizoides e até mesmo totalmente esquizofrênicas. A inquietude e agitação decorrentes do excesso de radiação renal também podem passar para os processos hipertireoidianos da doença de Graves. Nestas condições também o cobre como *Cuprit D3* tem sido de grande utilidade.

Nos últimos anos tem sido repetidamente chamada a atenção para os fenômenos de hiperventilação. Alguns pacientes sob estresse são muito propensos à hiperventilação, eliminando demasiadamente dióxido de carbono do sangue, perturbando o equilíbrio ácido-base e a química do sangue. Já indicamos a estreita relação entre os sistemas pulmonar e renal, a qual König descreveu com mais detalhes, mostrando a importância do rim e da bexiga para a dinâmica da respiração. O excesso de respiração destes pacientes, a partir deste ponto de vista, parece ter sua origem no sistema renal, e tais pacientes geralmente tem temperamento sanguíneo.

Um tratamento causal deveria então ser direcionado para este sistema, além de um condicionamento sintomático da respiração. Os sintomas relatados como sendo provocados pela hiperventilação abrangem quase todo o campo dos fenômenos "psicossomáticos" e "psiconeuróticos".

Voltando à experiência homeopática, descobrimos que *Cuprum* foi associado por Paterson com um grupo de remédios ligados ao nosódio intestinal *Proteus*, do qual ele dá como nota principal *brain-storms* ("tempestades cerebrais"). Os outros remédios incluídos neste grupo, além de *Cuprum*, são *Natrum muriaticum* e os outros cloretos, *Ignatia*, *Secale* (*Claviceps purpurea*, a partir do qual se obtêm derivados de ergot), *Apis*, *Borax*, *Conium* e a estes em termos clínicos provavelmente *Belladonna* e *Chamomilla* são adicionadas.

A ligação destes remédios com o rim é estabelecida por *Natrum muriaticum* (cloreto de sódio). Não apenas o rim está implicado em manter a concentração adequada de sal no sangue, mas o íon sódio está intimamente envolvido no nível da pressão arterial. Além disso, as indicações homeopáticas para o uso de *Natrum muriaticum* como um remédio incluem períodos de grande tensão, estresse e aflição. Desta forma também se estabelece a conexão entre as glândulas suprarrenais e a síndrome de Selye de adaptação ao estresse.

Apis, o veneno da abelha, está relacionado com o rim e produz diurese. Na verdade, todos os remédios de insetos usados na homeopatia têm uma relação com o rim.

Os derivados do ergot têm um espectro de aplicação ou ação muito semelhante ao do próprio *Cuprum*. Ele varia desde espasmo de artérias periféricas, contrações e câibras do útero e músculos lisos do trato alimentar, até os fenômenos peculiares semelhantes a espasmos circulatórios associados à enxaqueca, e à completa "viagem" do tipo esquizofrênica do LSD (dietilamida do ácido lisérgico).

Paterson verificou a ação principal desse grupo de remédios (no qual ele encontrou o organismo *Proteus* alojado no intestino como um marcador ou indicador): perturbações repentinas no cérebro e no sistema nervoso central. Esta é uma observação interessante e levanta mais uma pergunta. Como o sistema nervoso central está dinamicamente relacionado ao sistema renal?

Esta questão nos leva novamente a considerar esse sistema de forças, às vezes chamadas de astrais. É este sistema de forças que dá origem à forma animal por repetidos gestos de invaginação ou interiorização. A partir daí surge o sistema nervoso central, um órgão principal destas forças astrais, as quais a partir dele e através dele atuam formativamente, esculturalmente sobre o organismo. A ação dessas forças a partir do polo nervoso é principalmente paralisante e catabólica. Essas mesmas forças são modificadas pelos rins em forças anabólicas construtivas que desempenham seu papel na construção da proteína. Nestes dois modos de ação vemos o jogo de polaridade que sempre caracteriza essas forças e que experimentamos também em sua expressão nos sentimentos. A vida emocional move-se entre simpatia e antipatia, amor e ódio, prazer e dor, todos os quais se originam dessas forças astrais em seu desenvolvimento.

Outra característica do rim corrobora essas conexões com o sistema nervoso. Ambos compartilham a falta de capacidade regenerativa e o alto consumo de oxigênio. Essas forças astrais são opostas às forças regenerativas meramente vivas e somente o consumo de oxigênio muito alto mantém esses órgãos vivos. Um curto período de falta de oxigênio rapidamente os danifica, sem possibilidade de reparação.

Assim, vemos o cérebro e o sistema nervoso central com os quais os músculos voluntários estão conectados – mesmo que não da maneira ainda comumente acreditada – opondo-se aos rins e aos músculos involuntários e ao movimento interno. O papel do sistema nervoso central é mais o de paralisar e esculpir movimentos intencionais a partir do vasto oceano de movimentos potenciais.

A partir do sistema renal em seu sentido pleno surgem o impulso interior e o estímulo ao movimento, felizmente em gesto gracioso e encantador, infelizmente em agitação inquieta e irracionalidade violenta.

Algo de tudo isso estava presente no antigo uso da palavra inglesa *reins* (rédeas), usada também para designar os rins:

- Salmos (16:7): "Até os meus rins me ensinam de noite" (*My reins instruct me in the night season*).

- Provérbios (23:16): "E exultarão os meus rins, quando os teus lábios falarem coisas certas" (*My reins shall rejoice, when thy lips speak right things*).

E em Shakespeare encontramos:

- A tempestade (ato IV, cena I, 52): "Seja verdadeiro; não afrouxas a rédea dos carrinhos" (*Be true; do not give dalliance. Too much the rein*).

- As alegres senhoras de Windsor (ato III, cena V, 24): "Tão frio como se eu tivesse engolido bolas de neve em vez de pílulas, para refrescar os rins" (*Cold as if I had swallowed snowballs for pills to cool the reins*).

- Medida por medida (ato II, cena IV, 160): "Mas já que principiei, vou soltar rédeas ao instinto sensual" (*I have begun, and now I give my sensual race the rein*).

- Conto do inverno (ato II, cena III, 51): "Quando ela aceitar as rédeas, eu a deixo correr; Mas ela não tropeçará" (*When she will take the rein I let her run; But she'll not stumble*).

Algumas dessas citações referem-se às rédeas com as quais guiamos e controlamos um cavalo, e outras mais ao rim. E agora dando rédeas à nossa imaginação, estes dois significados não estão relacionados? As rédeas não puxam para baixo a excitabilidade nervosa da cabeça do cavalo e o trazem sob controle, como os rins foram levados para baixo, da região da cabeça para o abdome? As rédeas do cavalo e os ureteres não estariam relacionados?

Deixando de lado estas especulações, podemos ver, porém, que ainda persiste a nos incomodar a confusão que surgiu biologicamente há muito tempo, quando o sistema renal desceu e assumiu funções excretoras e se conectou com o sistema genital. É mais difícil para os homens do que para as mulheres distinguir em termos anatômicos a função excretora da função reprodutiva, o "profano" do "sagrado". Hoje o sagrado é profanado e Afrodite é arrastada através do lodo e da lama. Ela se vingará, leva-nos à inquietação, nervosismo e anseios de sensações e drogas – até mesmo à violência insana, destrutiva. Apenas a arte e a beleza podem nos ajudar a restaurá-la à sua verdadeira função de conceder graça, encanto e frescor, beleza de uma nova primavera, talvez para florescer agora em uma nova cultura espiritual nas almas individuais de homens, mulheres e crianças.

Referências bibliográficas

1. Seltman C. The twelve Olympians. London: Pan; 1952.
2. Otto WF. The Homeric gods. London: Thames and Hudson; 1954.
3. Kerenyi C. The gods of the Greeks. London: Thames and Hudson; 1951.
4. Pelikan W. The secrets of metals. New York: Anthroposophic Press; 1974.
5. Hauschka R. The nature of substance. London: Vincent Stuart; 1966.
6. Mees LFC. Living metals. London, New York: Regency Press; 1974.
7. Husemann F, Wolff O. The image of man as the basis of the art of healing. Spring Valley: Mercury Press; 1974.
8. König K. Earth and man. Rhode Island: Biodynamic Literature; 1982.
9. Paterson J. The bowel nosodes. British Homoeopathic Journal. 1950; 40: 153-63.